

HABITANDO O TRAJETO: AS EXCURSÕES NO UNIVERSO HEAVY METAL

Adrielle Luchi Coutinho Bove¹

RESUMO

O presente artigo buscou analisar a rede formada pela relação entre os sujeitos *headbangers* com os lugares da cidade de Juiz de Fora-MG, a partir do seu processo do caminhar. O campo etnográfico da pesquisa foram as excursões realizadas a dois shows de *heavy metal* nas cidades do Rio de Janeiro-RJ e Campo do Meio-MG. Através de uma abordagem da antropologia contemporânea, no qual a partir dos atores busca-se rastrear tudo que se conecta a esse fenômeno, o presente artigo pretende pelas excursões *headbangers* observar tudo aquilo que se liga a essa vivência. Assim, o cerne da pesquisa é pensar o sujeito formado na relação, ou seja, formado na relação entre os sujeitos e entre os sujeitos e os entes, como espaço, a van, os objetos, o show, etc. A circulação no espaço pelos sujeitos *headbangers* não é simplesmente ocasional, mas sim articulada as práticas desses sujeitos. Por fim, os conhecimentos adquiridos pela vivência nos lugares, sobretudo nos processos do caminhar, reforçam o *ethos* desses sujeitos ao mesmo tempo que servem como lugares de trocas de experiências.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço Urbano, Trajeto, Rede, Música, *Ethos*.

INHABITING THE PATH: THE EXCURSIONS IN THE *Heavy metal* UNIVERSE

ABSTRACT

This article sought to analyze the network formed by the relationship between the headbangers subjects with the places of the city of Juiz de Fora-MG, from the process of walking. The ethnographic field of the research were the excursions to two *heavy metal* shows in the cities of Rio de Janeiro-RJ and Campo do Meio-MG. Through an approach of contemporary anthropology, in which from the actors seeks to trace everything that connects to this phenomenon, the present article intends for headbangers excursions to observe everything that is linked to this experience. Thus, the core of the research is to think about the subject formed in the relationship, which is, formed in the relationship between subjects and between subjects and entities, such as space, van, objects, concerts, etc. The

¹ Bacharel Interdisciplinar em Ciências Humanas e Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestra e doutoranda em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCSO) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail de contato: adrielleluchi@gmail.com.

circulation in space by the subject headbangers is not simply occasional, but the practices of these subjects are articulated. Finally, the knowledge acquired by living in places, especially in the process of walking, reinforces the *ethos* of these subjects while serving as places of exchange of experiences.

KEY WORDS: Urban Space, Path, Network, Music, *Ethos*.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho possui como objeto de investigação a rede formada pela relação entre os sujeitos e objetos no processo do caminhar, mais especificamente os trajetos percorridos. Os sujeitos dessa pesquisa são pertencentes ao universo *heavy metal* e o objeto desta investigação foram as excursões aos shows de *heavy metal*. Partindo do pressuposto da excursão como um importante momento de sociabilidade e reforço do *ethos* do *headbanger*², foi possível toma-la como ponto de partida para se localizar a circulação desses atores nos espaços.

Entende-se aqui por universo *heavy metal* tudo aquilo que compõe a vida dos sujeitos que tem em comum o gosto pelo estilo musical *heavy metal* e suas variações³. Estar nesse universo pressupõe participar de um grande consenso de ações e símbolos que se significam e se produzem coletivamente. Um exemplo seria o ato de usar roupas escuras, principalmente na cor preta, pois elas demarcam as fronteiras daqueles que não as usam e ao mesmo tempo fortalecem àqueles que pertencem a esse universo. A música sendo o principal meio unificador do grupo, perpassa suas qualidades sonoras e invade o campo do simbólico e das ideologias, mas há outras instâncias ligadas à ela, como os usos dos lugares pelos atores e a extensa rede de interações entre os sujeitos *headbangers*.

O contexto etnográfico foi a cidade de Juiz de Fora –MG, a qual possui um nicho de mercado especializado para o público *headbanger*. Esse nicho é composto por lojas de artigos especializados⁴, bares, casas de show, festivais musicais⁵,

² Traduzido do inglês *headbanger* significa “batedor de cabeça”, fazendo referência ao principal movimento feito pelas pessoas em shows de *heavy metal*. É também o nome dado aos sujeitos que pertencem ao universo do *heavy metal*.

³ Dentro do gênero *heavy metal* há vários sub-gêneros como *thrash metal*, *glam metal*, *symphonic metal*, *power metal*, *death metal*, *black metal*, *folk metal*, *doom metal*, dentre outros.

⁴ Dentre os artigos vendidos estão as camisas com estampas das bandas de *rock* e *heavy metal*, pulseiras, cordões, anéis, lenços, bonés, mochilas, sapatos, cintos com a temática *rock* e *heavy metal*, além de peças de vestuário, geralmente na cor preta.

⁵ Os festivais de música que acontecem periodicamente na cidade são o Festival de Bandas Novas, o JF Rock City, o Rock in Rua e o Metal Hordes.

estúdios de música, estúdios de tatuagem e body-piercing, entre outros. Os lugares dos *headbangers* na cidade são os espaços de encontros, de sociabilidade, os points, daqueles que pertencem ao universo *heavy metal*. Assim, os lugares nos quais esses sujeitos se relacionam fazem parte da construção do que é ser um sujeito headbanger. Ou seja, o como o sujeito se veste, como ele se porta, quais suas condutas no grupo bem como aonde ele frequenta ajudam a compor o *ethos* headbanger.

HABITANDO OS LUGARES

O espaço possui uma característica singular no que se refere ao seu valor qualitativo: ele atua como mediador entre pessoas e o próprio espaço na produção do *ethos*. Ao possuir o carácter de mediador, o espaço possibilita diferentes formas de compreensão, podendo ser mais contemplativas ou mais palpáveis, em todo caso, as categorias de espaço assumem sobre os indivíduos uma autoridade lógica. As categorias estão, nesse sentido, se relacionando com os indivíduos na medida em que compõem a forma como eles pensam e classificam o mundo. As categorias concretas, sobretudo, se encontram inseridas nas experiências dos indivíduos, nas suas relações intrapessoais, dando assim seu aspecto de categoria atrelada a materialidade.

Dando sequência a discussão iniciada na dissertação “Juventude e *heavy metal*: usos do espaço, práticas de consumo e produção de significados em Juiz de Fora, MG” (2017)⁶, no que se refere aos usos do espaço e suas (re) significações pelos sujeitos do universo *heavy metal*, cabe aqui apresentar sucintamente algumas considerações. Seguindo a proposta de Mauss (2003) deve-se partir da morfologia social, advinda da geografia (distribuição, densidade e volume), para se atingir a morfologia da análise social, sem recair sobre os determinismos geográficos e buscando considerar outros aspectos que podem afetar essas percepções: como a sociedade e a cultura. Segundo Mauss (2003), a concretude dos conceitos está no como ele é descrito pelas pessoas. Evans-Pritchard (1999) vai de encontro a esta perspectiva, e igualmente fugindo do determinismo, ao ressaltar que as relações sociais também ajudam a moldar as configurações com as quais as pessoas irão atuar e agir no mundo, ou seja, suas ações, sendo que aqui a ênfase está na sucessão dos acontecimentos no tempo. Apesar de Evans-Pritchard abordar mais em seu estudo a concepção do tempo, que pode

⁶ BOVE, Adrielle.

ser concreto ou abstrato na medida em que as atividades dos sujeitos variam, a noção de espaço tal como de tempo possui uma dupla concepção, o ecológico e o estrutural. Na concepção ecológica o que está em questão é a relação dos sujeitos com o entorno, o meio; já na concepção estrutural, o que está em evidência é relação entre sujeitos. Marcel Granet (1997) também considera que o conceito de espaço pode ser concreto ao estar vinculado com às experiências dos sujeitos e abstrato quando há o deslocamento da materialidade para o de totalidade.

Cabe ressaltar que o conceito de espaço deve ser problematizado na medida que não se constitui um dado *a priori* e sim *a posteriori* pela análise do social, sobretudo um conceito etnográfico como foi apontado pelos autores acima (BOVE, 2017). Partindo dessa problematização e direcionando o olhar para o espaço urbano, o presente trabalho busca ressaltar a relação principalmente desse espaço com o universo do *heavy metal*. O *heavy metal*, como foi apontado por BOVE (2017), é um estilo totalmente atrelado a vida urbana, pois suas composições musicais e ideologias defendidas evidenciam essa afinidade. Cabe aqui entender a cidade⁷ como múltiplas, que são construídas através do caminhar das pessoas, das suas trajetórias, tanto individuais quanto sociais, e o movimento/circulação feitos pelos sujeitos nos espaços. A partir dessa perspectiva pode-se pensar nos passos dos sujeitos enquanto formadores dos lugares na medida em que através das trajetórias eles constroem seus processos do caminhar (DE CERTEU, 1994).

Se a linguagem representa usos e combinações de diferentes estilos, o andar ou caminhar, por sua vez, não se distancia dessa conotação. Segundo De Certeu (1994) a andar pode ser entendido como uma linguagem, ou seja, no qual cada passo seria correspondente a uma linguagem e/ou os relatos das andanças/trajetórias corresponderia a criação desses espaços. Aqui, tanto o andar quanto o relatar se tornam agentes da ação uma vez que são praticados do/no espaço. Para Ingold (2010), andar pelos lugares não é simplesmente um andar qualquer, mas um andar que estabelece relações no caminho. Assim, é no lugar em que se encontram as trajetórias dos sujeitos e a partir desses encontros outros vão se entrelaçando pelos movimentos dos próprios sujeitos, ou seja: "the process ['guided rediscovery'] is rather like that following trails through a landscape: each story will take you so far, until you come across another that will take you further" (INGOLD, 2010, p.162). Todo esse processo Ingold (2010) denomina de *wayfaring*, porém cabe destacar que as coisas nesse *wayfaring* não estão

⁷ MAGNANI, 2002, 2005; DE CERTEU, 1994; AUGÉ, 2002.

apenas no lugar e sim no mundo, nas histórias de vida, nas trajetórias realizadas e construídas, enfim, é todo o movimento e não apenas o entre-caminho.

Ao se partir do movimento enquanto produtor de lugares está aqui priorizando o agente em detrimento a estrutura, no qual os sujeitos podem fazerem e refazerem suas fronteiras continuamente (BOVE, 2017). Há em meio a esse emaranhado de trajetórias algumas regularidades que ajudam a compor como sugere Magnani (2012) uma “forma-cidade”, o que torna possível uma análise etnográfica. Diante da heterogeneidade e diversidade presentes no espaço urbano é possível utilizar categorias que servem como instrumento para abarcar os diferentes tipos de intercâmbio entre os indivíduos e os lugares.

HABINTANDO O TRAJETO: AS EXCURSÕES

Partindo dessa perspectiva analisou-se aqui as excursões aos shows de *heavy metal*. As excursões são comumente praticadas pelos pertencentes do universo *heavy metal* no Brasil e ela está intimamente ligada com o reforço do *ethos* no meio social, pois são pelas excursões, na maioria dos casos, que os sujeitos vão aos shows das bandas que apreciam. As idas aos shows e eventos nesse universo ajudam a compor o *ethos* dos sujeitos pertencentes a ele, além de conferirem status àqueles que os frequentam. As excursões são consideradas por estes sujeitos como mais acessíveis financeiramente, proporcionando maior mobilidade às idas aos shows e eventos. Elas são, geralmente, realizadas por sujeitos que comungam dos mesmos gostos musicais e possuem entre si vínculos de amizade. Assim, ao longo do processo de formação da excursão reforçam-se os antigos laços de sociabilidade ou criam-se novos.

O tempo que demanda a formação da excursão é longo podendo variar de dias a semanas, mesmo quando o trajeto de deslocamento para o evento seja relativamente próximo ao lugar de origem da excursão. Na maioria dos casos analisados pela presente pesquisa, as excursões foram realizadas informalmente, ou seja, sem quaisquer relações com pessoas jurídicas, como empresas de turismo. A única formalidade encontrada nesse processo foi a contratação do transporte, no qual esse serviço era negociado diretamente com a prestadora de serviços. Porém, antes de iniciarem o processo de contratação do transporte, os sujeitos que se encarregam de realizar as excursões, geralmente, utilizavam-se das páginas e grupos nas redes sociais (ex.: no Facebook), como recursos para uma pesquisa de opinião. O encarregado pela proposta da excursão faz,

a princípio, um levantamento visando descobrir as possibilidades da excursão proposta, visando o número mínimo de pessoas necessárias para a realização do pagamento referente ao serviço de transporte. Após esse levantamento, considerado como etapa preparatória, o organizador prossegue com os próximos passos do processo para que se realize a excursão.

Diante do processo preparatório da excursão, resumidamente acima apresentado, a ênfase deste trabalho se construiu no sujeito formado na relação, ou seja, formado na relação entre os sujeitos e entre os sujeitos e os entes, como espaço, a van, os objetos, o show, etc. Pensando a partir de Latour (2008), propôs-se pensar a excursão como um resultado da articulação de diferentes atores. Assim, o pressuposto aqui utilizado é a teoria ator-rede (ANT - Actor Network Theory) de Bruno Latour, pois por meio desta buscou-se “seguir os próprios atores” para “[...] descobrir o que a existência coletiva se tornou em suas mãos, que métodos elaboraram para sua adequação, quais definições esclareceriam melhor as novas associações que eles se viram forçados a estabelecer” (LATOURE, 2012: 31). Tomando os atores como ponto de partida para rastrear tudo aquilo que se conecta a esse fenômeno, tem-se a excursão, ou melhor, o trajeto, e os sujeitos como pertencentes a uma extensa rede composta por vários aspectos confluentes (LATOURE, 2012).

A discussão sobre o trajeto percorrido pelos sujeitos na excursão permeia também as relações de territorialização e de desterritorialização, no qual ganha-se sentido o habitar o trajeto e não apenas o “estar lá”. A etnografia dessa pesquisa debruçou-se sobre as circulações dos sujeitos do universo *heavy metal*, buscando encontrar e delimitar os caminhos feitos por estes sujeitos a fim de localizar a rede formada na relação entre os atores e demais entes articulados nesse processo do caminhar, bem como a forma de se vivenciar essa experiência, de certo modo, coletiva. Para tal, foram acompanhadas duas excursões, desde de sua fase preparatória até o dia de sua realização, saindo de Juiz de Fora - MG com destino ao Rio de Janeiro - RJ e a Campo do Meio - MG.

A organização da excursão para o show da banda Eluveitie no Teatro Odisseia no Bairro da Lapa, Rio de Janeiro-RJ, foi realizada inteiramente pela rede social Facebook, no qual uma das pessoas de Juiz de Fora-MG interessadas em ir ao show, tomou à frente na organização da van. Seu primeiro passo enquanto organizador da excursão foi criar um evento na página do Facebook que funcionaria como uma pesquisa para sondar possíveis interessados na excursão. Esse recurso como foi observado na etnografia é muito utilizado pelos pertencentes ao

universo *heavy metal*, não apenas em excursões como também para eventos ou shows locais. Após o evento ser criado no Facebook, os amigos do criador do evento se manifestaram e ajudaram na divulgação da excursão. Devido a essa divulgação o evento chegou até a pessoas da cidade de Lima Duarte-MG, que demonstraram interesse em participar da excursão. Durante as discussões no Facebook, um dos artifícios utilizados foram informações de outras pessoas que já organizaram excursões antes e que sabiam indicar algumas soluções para os problemas, que foram encontrados enquanto se estava fazendo o fechamento da excursão.

A divulgação da excursão, pelo que foi observado, ajudou a resolver um dos principais problemas que uma organização como essa poderia enfrentar: o número mínimo de pessoas a participar da excursão. Se esse número mínimo não fosse atingido seria necessário cancelar a excursão e cada pessoa iria por sua própria conta ao show, uma vez que sairia mais caro contratar uma van para levar um pequeno número de pessoas. Até a data limite de fechamento com a empresa responsável pelo transporte, o organizador conseguiu o número suficiente de pessoas para quitar os custos, porém sem obter qualquer tipo de lucro. O preço do serviço do transporte, motorista mais veículo, foi dividido igualmente entre todos que iriam participar da excursão. O recolhimento do dinheiro bem como dos documentos necessários para serem repassados a empresa de transporte foi realizado com antecedência ao dia do evento, no caso o show da banda *Eluveitie*. Além de servir como uma forma de reafirmar o compromisso com a excursão, o recolhimento do dinheiro com antecedência também servia como uma proteção ao organizador de possíveis prejuízos financeiros caso alguém desistisse da excursão.

Cabe acrescentar que o evento criado no Facebook não servia apenas para discutir assuntos relacionados à excursão como também sobre o show. As pessoas compartilhavam músicas, *setlists* da banda e outras informações relacionadas a banda e ao show. Outro ponto de destaque nessa excursão foi que muitos que foram na excursão já tinham assistido ao show da banda *Eluveitie* antes na cidade de Cataguases-MG em 2013. A motivação por detrás dessa vontade de assistir a mesma banda outra vez foi que, segundo algumas pessoas da van, no show anterior que assistiram a formação da banda não estava completa, faltava a

⁸ *Setlist* é uma lista constando a ordem das canções que serão tocadas por um grupo musical, cantor ou um músico durante um determinado concerto musical ou show.

segunda vocalista e vielista de roda⁹ Anna Murphy. Para eles, ela é tida como uma figura central na banda, pois sua participação tanto como cantora como vielista é essencial nas músicas.

O lugar de saída da van foi no Parque Halfeld situado no centro de Juiz de Fora. Assim que as pessoas chegavam ao lugar elas iam se aglomerando próximas umas das outras sentadas nos bancos ou mesmo em pé. Ao se olhar de longe era visível a ponto de encontro do grupo na praça, pois todos estavam usando vestimentas em cores pretas que contrastavam com o colorido da paisagem do lugar. Durante a espera da van, as pessoas que já se conheciam usavam deste momento para papear tanto sobre suas vidas pessoais como assuntos que estivessem relacionados ao show. Havia 7 mulheres e 8 homens na van, sendo eles: casais de namorados, pessoas que namoram, mas sem seus respectivos companheiros (a) na viagem, pessoas solteiras, grupos de amigos, pessoas que não se conheciam e pessoas que conheciam apenas uma ou outra pessoa. Durante a espera da van o consumo de bebidas alcólicas servia como uma preparação para o show, uma forma de entrar no “clima” do evento, como foi relatado pelos participantes. Ao entrarem na van sentavam próximos aos seus amigos e namorados (a).

A partir das conversas feitas dentro da van era visível a presença de dois grupos que, mesmo sendo integrantes do universo *heavy metal*, se distanciavam por suas realidades cotidianas. As pessoas que moravam em Juiz de Fora compartilhavam entre si suas experiências do estilo de vida urbano, já o pessoal de Lima Duarte o estilo de vida mais rural. Enquanto nas conversas dos juiz-foranos estavam os temas relacionados as suas recentes vivências na cidade, como ida a eventos, ao cinema, à bares e etc. Os que vinham de Lima Duarte contavam sobre suas experiências numa cidade interiorana, ou seja seus “causos”, como cavalgar a cavalo, pegar um porco que tinha fugido em meio a enchente, capinar o terreno e etc. Essas características não os resumem, mas ajudam a mostrar as diversidades de realidades presente no universo do *heavy metal*.

Durante a viagem de ida o clima dentro da van era de festa e descontração. Colocaram músicas da banda que iam assistir ao show, além de outras bandas que tocam o mesmo gênero musical ou outras que abordem as mesmas temáticas. Conversaram sobre os assuntos relacionados à banda *Eluveitie* e também contaram casos em voz alta, como uma forma de entrosar todos que estavam

⁹ É o nome do profissional que toca o instrumento musical viela de roda (instrumento de corda friccionada que teve origem no século XI d.C. na Península Ibérica).

na van ao irem sobre o que era contado. Levaram dentro da van um isopor com bebidas alcólicas, que foram bebidas ao longo da viagem. E, devido ao consumo dessas bebidas, muitas vezes foram realizadas paradas extraordinárias no caminho para irem ao banheiro ou mesmo usarem a beira da estrada para evacuar, no caso dos homens. Havia apenas uma única parada ordinária no percurso de Juiz de Fora a Rio de Janeiro, que era na cidade de Três Rios-RJ, precisamente em um posto de gasolina na beira da estrada. Essa parada era comumente realizada em viagens de Juiz de Fora ao Rio de Janeiro, por estar aproximadamente no meio do caminho entre as duas cidades. Nessa parada as pessoas aproveitaram para irem ao banheiro e lanchar, já que há uma lanchonete no lugar, outras levaram seus próprios lanches na mochila ou bolsa.

Ao chegaram no local do evento, as pessoas se juntaram com seus grupos de amigos ocupando e utilizando o espaço de formas distintas: um grupo foi lanchar e beber cerveja em um dos bares da Lapa (bairro do Rio de Janeiro onde fica a casa de show). Outro grupo aproveitou para dar uma volta e ver se conseguia encontrar algum membro da banda *Eluveitie* andando pelo bairro. Outros foram direto para fila guardar seu lugar de entrada no evento, pois queriam ficar bem em frente ao palco. Assim, essa formação em pequenos grupos se manteve até mesmo dentro da casa de show, alguns deles queriam assistir ao show mais de perto, outros em meio à multidão e outros mais de longe para poderem beber cerveja com “tranquilidade”, sem que outras pessoas ficassem esbarrando neles.

O retorno à Juiz de Fora após o show contrastou com a ida. Antes de entrarem na van, que estava parada logo à frente no posto de gasolina, a maioria lanchou na lanchonete *Bob's* que fica nesse mesmo posto de gasolina em frente à casa de show onde a banda *Eluveitie* se apresentou¹⁰. Esse momento foi marcado pela socialização uma vez que o assunto que permeava as conversas era o show. Durante o tempo de espera para entrar na van, algumas pessoas continuavam bebendo bebidas alcólicas. Ao entrarem na van, cada um foi se ajeitando em seus assentos e antes mesmo de sair do Rio de Janeiro a maioria já estava dormindo. Apenas alguns poucos permaneceram acordados e conversando. Novamente por causa das bebidas alcólicas foram realizadas algumas paradas para irem ao banheiro, além da parada em Três Rios-RJ. O contraste da ida com a volta está exatamente nas atividades que foram realizadas dentro da van, enquanto na ida foi predominante o clima de festa, no retorno foi o clima de reclusão.

¹⁰ Lanchar nessa lanchonete pode-se dizer que faz parte do ritual de assistir aos shows nessa casa de show da Lapa, pois em outras idas aos shows nesse mesmo lugar foi presenciado e relato essa prática.

A outra excursão foi para o show da banda *Belphegor* saindo de Juiz de Fora com destino à Campo do Meio, sul de Minas Gerais, que foi realizada pelas mesmas pessoas da excursão ao Rio de Janeiro. Um dos pontos diferenciais dessa excursão para a outra foi que nessa os organizadores iam tocar no evento o qual estavam indo. Outro aspecto diferencial foi a duração da viagem, a ida para o Rio de Janeiro varia entre duas a três horas de viagem e para Campo do Meio é de aproximadamente de seis horas de viagem. Devido a distância dessa viagem, os gastos com o transporte foram mais altos, uma vez que a empresa de transporte calcula o preço do serviço pela quantidade de quilômetros do percurso. Assim, tanto na outra como nessa excursão a divulgação por redes sociais foi um recurso utilizado para se conseguir atingir o número mínimo de passageiros para a van.

A saída dessa van foi no posto de gasolina na Rua Padre Café no Bairro São Mateus, próximo ao centro da cidade de Juiz de Fora, MG. Nessa viagem havia um grande número de bagagens devido aos equipamentos musicais da banda. Enquanto aguardavam a chegada da van, as pessoas iam se sentando em pequenos espaços encontrados à sombra e aproveitavam para conversar. Quando a van chegou uma das coisas que chamou a atenção das pessoas foi que na van continha o seguinte aviso “Wi-fi” pregado na lateral do veículo. Assim que adentraram na van solicitaram a senha da rede de internet sem fio (wi-fi). A van ficou completamente ocupada restando apenas um banco sem ser preenchido. O porta-malas e o bagageiro interno do veículo ficaram ocupados com as bagagens dos músicos. Porém, além dessas bagagens havia dentro da van uma caixa de isopor com bebidas alcólicas, como cerveja em lata, garrafas de cachaça e garrafas de água.

Durante a viagem não conseguiram colocar a música no rádio da van, segundo o motorista o rádio estava quebrado. Pela reação das pessoas na van, parecia que o motorista não queria colocar esse tipo de música, *heavy metal*, para tocar. Mas, mesmo sem conseguir colocar na rádio da van, uma das pessoas ligou o celular no alto-falante e foi selecionando algumas músicas. Em alguns momentos dava para se escutar o que estava tocando e em outros não, dependia do barulho das conversas dentro da van, do próprio barulho do veículo e da estrada.

Nessa excursão em contraposição à outra, não se beberam bebidas alcólicas antes de se entrar na van, mas só dentro dela. Apesar de se ter uma única caixa de isopor, as bebidas trazidas foram consumidas separadamente, assim cada um bebia a bebida que comprou. Uma forma de diferenciar quais eram de quem, eles se nortearam pelas marcas das bebidas que tinham comprado. Porém, mesmo

que tivessem feito essa demarcação, os que eram amigos mais chegados não se importavam de compartilharem entre si as bebidas, até mesmo ofereciam uns aos outros, mas não para todos da van. O mesmo aconteceu com comida, quando uma pessoa abria um pacote de biscoito (salgadinhos) por exemplo, oferecia para quem estava mais próximo ou para aqueles que tinham um relacionamento de amizade. Dentre os passageiros haviam 8 mulheres e 9 homens, sendo 4 casais de namorados e o restante solteiros. Um dos rapazes que era solteiro aproveitou para paquerar umas das meninas da van, que também era solteira, ao longo da viagem via-se, pela conversa, o clima entre eles, que acabou em trocas de beijos no show.

Alguns dos passageiros já foram para essa região do estado de Minas Gerais, em um outro show que a banda da van tinha se apresentado, mas não ainda para essa cidade. O conhecimento adquirido pela outra viagem foi colocado em prática quando queriam saber aonde estavam na estrada e em quais lugares daria para se fazer uma parada. Ao longo da viagem foram feitas paradas, porém uma delas foi a mais comentada dentro da van que era para comer “pão de queijo” em uma das lanchonetes no meio da estrada. Segundo algumas pessoas na van, comer esse pão de queijo fazia parte da viagem. Além dessa parada em especial, foram feitas outras para irem ao banheiro. Novamente, algumas pessoas indicavam aonde poderiam parar, se era de fácil acesso, se era limpo o banheiro ou não e etc.

Chegando no local do show, o organizador foi até a portaria do evento para buscar informações e pegar as pulseiras *vips* da banda, ou seja, pulseiras que dá acesso ao *backstage*¹¹ para colocarem seus equipamentos e se arrumarem. Porém, nesse caso específico, não havia o “*backstage*” para as outras bandas que ia tocar no evento, apenas para a banda principal, o *Belphegor*. Assim que todos saíram da van os integrantes da banda utilizaram da própria van como seu *backstage* para se arrumarem, trocarem de roupa e etc. Após isso, a banda retirou seus instrumentos da van levando para dentro do espaço onde ia acontecer o show. O restante do pessoal da van, que não era da banda, caminhou para entrada do evento que era a mesma entrada da banda. O espaço era um grande salão, havia um espaço para se comprar bebida e comida, outro com uma banca vendendo produtos das bandas que iam tocar no evento e não apenas da banda principal. Dentre essas bancas com os produtos à venda uma era da banda de Juiz de Fora, no qual a namorada do guitarrista era responsável.

Algumas pessoas se reuniram em pequenos grupos de amigos para ficarem

¹¹ Traduzido do inglês como bastidores.

juntas durante o show, outras ficaram próximas a banca dos produtos da banda que também era próximo a lanchonete, outros ficaram andando pelo lugar enquanto aguardavam o show. Mais ao final do evento, após a banda principal tocar e antes da banda de Juiz de Fora se apresentar, formou-se um grupo grande das pessoas da van. Todos se sentaram próximos e ficaram conversando sobre o evento. Assim que a banda de Juiz de Fora tocou, todos se direcionaram a saída do evento a caminho da van, que ainda não tinha chegado ao lugar marcado para o retorno. Devido ao cansaço muitos sentaram no passeio em frente ao ponto combinado com o motorista para aguardarem a chegada da van.

No retorno a Juiz de Fora, o silêncio prevaleceu dentro da van. Devido ao show ter acabado mais tarde do que o da outra excursão, as pessoas aparentavam com sono e cansadas. Assim que entraram na van completamente todos dormiram. Uma outra pessoa fazia alguns barulhos ou mesmo pequenos roncos, mas no geral permaneceu o silêncio. Até que algo inesperado aconteceu: o pneu da van estourou no meio da estrada próximo à cidade de Barbacena. Todos subitamente acordaram com o barulho e logo em seguida o motorista encostou a van na estrada para fazer a troca de pneus. Enquanto a maioria aguardava ao lado de fora da van, alguns ajudaram o motorista a trocar o pneu, passando algumas ferramentas e auxiliando no que fosse necessário. Após a troca do pneu todos retornaram a van e seguiram viagem. Ao longo do retorno foi realizada uma única parada, logo após a troca de pneu, para tomar um café da manhã, já que a viagem teve início de madrugada chegando até o período manhã, ou seja, o período do amanhecer foi passado dentro da van.

A discussão que perpassa o fenômeno da excursão é a relação dos sujeitos com o espaço. Como foi elucidado anteriormente essa relação se dá de forma mais concreta e real do que abstrata e longínqua aos sujeitos. O território e o não território, que seria os espaços entre os lugares, no caso da excursão seriam as estradas, se articulam na medida em que os sujeitos agem sobre eles ao mesmo tempo que eles têm influência sobre os sujeitos. O estar em um lugar e vivenciar o entre-caminho para se chegar a outro lugar é permeado pelas experiências dos sujeitos sobre esses lugares, ou seja, eles se utilizam de seus conhecimentos adquiridos pela vivência nesses lugares ou de experiências de outros para se nortear no processo do caminhar.

Como Ingold (2010) destacou, o conhecedor é aquele que percorre o caminho, é o *wayfaring*, ou como é traduzido o andarilho. Cabe distinguir as noções de *transport* (transporte) e de *wayfaring* (andarilho), o primeiro corresponde a

passagem de um ponto a outro, no qual se movimenta sem se preocupar com o caminho, e sim com o lugar de partida e de chegada. Para o segundo o movimento não se dá somente pelo entre-caminho dos pontos conectados, mas é o próprio movimento o fim em si desse processo (INGOLD, 2010). Essas são as duas formas de se conhecer o lugar e o que subjaz a essa argumentação é a narrativa. A narrativa pode ser entendida aqui como um elemento central no que tange ao conhecimento humano, pois ambos os caos, o movimento e a narrativa, são constituídos de diferentes formas de se relacionar e produzir conhecimento (INGOLD, 2010).

Essa memória/narrativa que é resgatada pela fala, traz consigo o sentido de que, ao caminhar se produz lugares, e o se contar histórias, se produz espaços. Os espaços estão articulados com outros, eles se encontram expansivos no mundo. A partir dos relatos dos sujeitos os lugares são construídos e o conhecimento sobre ele é compartilhado, pois não apenas se troca experiências do lugar, mas também experiências de vida nos lugares. O lugar funciona como os lugares dos encontros sociais (INGOLD, 2010). E o processo de territorialização e desterritorialização vivenciado pelas excursões se relacionam na medida em que essa memória/narrativa são evocadas na relação com os lugares. Quando uma das pessoas presentes na excursão usou de seu conhecimento sobre os lugares no caminho da viagem o fez a fim de compartilhar aquele conhecimento com os demais. Esse conhecimento não só se mostrou importante pela forma como o sujeito construiu sua experiência com o lugar mais também ajudou a nortear o caminho pelo qual a van da excursão ia cursar. Assim, ao mesmo tempo que o caminho se desterritorializava pela viagem, ele se territorializava pela fala dos sujeitos que já tinham vivido com aqueles lugares uma história. Pode-se dizer que a van da excursão foi o lugar de encontro de diversas trajetórias de vida que compartilhavam entre si a vivência do trajeto.

Por fim, pode-se dizer que o caminhar enquanto uma linguagem possui diferentes estilos de usos, no qual cada viagem teve seu aspecto de singularidade, ou seja, nenhuma viagem é igual a outra. Em cada viagem teve uma constituição de coletivos diferentes, e essas diferenças de grupos ajudaram a compor um processo da excursão dotado de singularidade. Além disso, deve-se ressaltar que há entre esses sujeitos uma “etiqueta” tanto no que se refere a circulação pelos espaços quanto para se viajar e contar essas experiências. Essa “etiqueta” pode ser entendida aqui como o modo pelo qual o sujeito irá se comportar diante dos demais que comungam entre si um código de relacionamento. Se na viagem de

ida o sujeito podia estar mais animado, falar mais alto, no retorno a voz baixa e o silêncio eram a regra. O mesmo acontece no momento de contar sobre a viagem, pois não se fala sobre ela em qualquer lugar, mas em lugares que essas memórias podem ser trazidas, como por exemplo nas mesas de bar, em outros shows ou mesmo quando se cruza com algum conhecido que se interessa por esse tipo de vivência. Narrar os acontecimentos do show é também uma forma de construção da experiência da excursão. Assim, contar os fatos engraçados, os acidentes, os namoros/paqueras e tudo aquilo que foi vivenciado no processo da excursão compõem não apenas a excursão como também os lugares e os próprios sujeitos.

CONCLUSÃO

No universo *heavy metal* a excursão se mostrou como sendo uma forma pela qual os laços de amizade e o sentimento de pertença ao grupo é reforçado. Desde sua organização até o retorno ao lugar de partida, a excursão perpassa por diferentes lugares, que por sua vez se encontram diversas histórias de vida. Na medida em que esses lugares se relacionam com os sujeitos, os sujeitos também se relacionam com esses lugares a partir da memória/narrativa. Dentro do universo *heavy metal*, o conhecimento adquirido pelos sujeitos a partir de suas vivências nesse universo, ajudam a compor uma rede formada pelos sujeitos e objetos a eles relacionados. O lugar nesse sentido não é apenas um lugar qualquer e sim um lugar de encontro, de troca de experiências e vivências.

A partir da excursão foi possível perceber como esses atores usam os lugares e quais são seus caminhos de circulação por eles. Além da van ajudar a reforçar o *ethos* dos sujeitos, ela também ressignifica o trajeto em detrimento ao “estar lá”, ou seja, caminhar, viajar pelos lugares se torna tão importante para o grupo quanto o evento final pelo qual a excursão foi programada. Essas circulações específicas sobre os lugares demarcam características dos sujeitos que comungam gostos, ideias e estilos do universo *heavy metal*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc. Não-lugares. **Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. São Paulo: Papyrus/Travessia do Século, 2002.

BOVE, Adrielle L. C. **Juventude e heavy metal**: usos do espaço, práticas de

consumo e produção de significados em Juiz de Fora, MG. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGCSO da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Juiz de Fora, 2017.

DE CERTEAU, Michel. “Práticas dos Espaço” (Terceira Parte). In: **A invenção do cotidiano**. Vol. 1. Pp. 169-217. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.

INGOLD, Tim. **Being Alive: Essays on movement, knowledge and description**. London: Routledge, 2010.

LATOUR, Bruno. Como falar de corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre ciência. In: **Objectos Impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência**. NUNES, J. A.; Roque, R. (orgs.). Porto: Edições Afrontamento e autores, 2008.

_____. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: Edufba; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p.11-29, jul. 2002.

_____. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo social**, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2, nov. 2005.

_____. Circuitos de jovens. In: **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana**. São Paulo: Terceiro Noem, 2012, p.159-201.